

Na cova de jasmineiro  
Do avarento Calatrava:  
— Morreu como carcereiro  
Da fortuna que guardava.

Li no túmulo de Ormindo:  
— Foi cristão dos mais fiéis,  
Ganhou duzentos mil contos,  
Deu mil e quinhentos réis.

Qualquer defeito é mal grande,  
Nenhum deles é pequeno.  
Escorpião miudinho  
Tem a morte no veneno.

Maricotinha enjeitou  
Dez filhos de porta em porta;  
Hoje, ela quer reencarnar,  
Quando nasce, nasce morta.

## NA MESMA MOEDA

O coronel Tutuca Sapecado,  
A cada petitório de mendigo,  
Falava: — “Deus é grande, meu amigo!”  
Mas não dava um vintém de mel coado.

Se um doente gemendo afadigado  
Vinha pedir perdão de juro antigo,  
Louvava: — “Deus é grande! Deus consigo!”  
E recebia o cobre assossegado.

Quando morreu ficou na caixa-forte  
E gritava mudado pela morte:  
— “Quero o auxílio do Céu! Que Deus me mande!”

Mas trancado no escuro, em agonia,  
Só escutava alguém que lhe dizia:  
— “Fique firme, Tutuca, Deus é grande!”

Alguém escreveu na lousa  
 Do rico Moura Pamonha:  
 — Deixou a fortuna aos doidos  
 Depois de vender maconha.

Na sepultura comum  
 Da devota Florisbela:  
 — Morreu fazendo jejum,  
 Comendo numa panela.

Não largues ao bem-querer  
 A construção do futuro.  
 No relógio da paixão  
 Não há ponteiro seguro.

“Seguro morreu de velho”,  
 Diz o rifão popular,  
 Mas faleceu de preguiça  
 Com medo de auxiliar.

#### A ENXADA

Com febre alta, o velho Zé da Hora  
 Limpa a roça no Sítio da Chapada,  
 Treme, cai... De repente não vê nada,  
 Tudo escuro no campo, terra afora.

Tanto tempo serviu. Mas Zé agora  
 Tem a cabeça branca e fatigada;  
 Morre o sol, vem a noite, e ao pé da enxada,  
 De mão no peito aflito, reza e chora.

Zé larga o corpo e, Espírito liberto,  
 Pede luz e eis que a luz surge de perto;  
 Tropeçando, levanta-se... Quervê-la...

Mas cai de novo em pranto de alegria:  
 A enxada do seu pão de cada dia  
 Brilhava convertida numa estrela.